

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Lívia Lourenço Ferreira

**QUEM JÁ DESENHOU FALOU EM CORES:
A Escuta Psicanalítica e os Desenhos no *Setting* Terapêutico**

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

LÍVIA LOURENÇO FERREIRA

**QUEM JÁ DESENHOU FALOU EM CORES:
A Escuta Psicanalítica e os Desenhos no *Setting* Terapêutico**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Adriana Chaves de Oliveira Ruback, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Allan de Aguiar Almeida, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Dinart Rocha Filho, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha imensa gratidão a todos que estiveram ao meu lado durante esta jornada desafiadora, ajudando-me a alcançar este momento tão significativo em minha vida.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por guiar meus passos, iluminar meu caminho e me conceder força e sabedoria para superar os obstáculos ao longo deste percurso acadêmico, me agarrei com fé para que eu pudesse concluir.

A minha querida mãe, Rosinely, à minha amada avó, Eolina e ao meu pai Jonas, dedico um agradecimento especial. Seu apoio inabalável, amor incondicional e encorajamento constante foram fundamentais para eu chegar até aqui. Vocês são verdadeiros exemplos de amor e dedicação, e serei eternamente grato por tudo o que fizeram por mim.

Aos meus estimados professores e orientadores, em particular a Adriana, agradeço por compartilharem seu conhecimento, experiência e orientação ao longo deste processo. Suas palavras de incentivo e feedback construtivo foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Não posso deixar de mencionar meu querido afilhado, Antônio, que trouxe alegria e inspiração para minha vida. Sua inocência e sorriso contagiante foram uma fonte constante de motivação para mim, você é luz.

Aos meus colegas de profissão e amigos de coração, obrigada por estarem ao meu lado, apoiando-me e compartilhando comigo tanto os desafios quanto as alegrias desta jornada acadêmica.

A minha família em geral, os de coração e os de sangue, aqueles que cuidam e zelam por mim, sou grata por cada um de vocês, obrigada pelas orações e por acreditarem em mim.

Por último, mas não menos importante, dedico um agradecimento especial à pessoa que esteve ao meu lado em todos os momentos, minha amada Mikaela. Seu amor incondicional, apoio inabalável e presença constante foram meu porto seguro durante os momentos de incerteza e dificuldade. Você é minha fonte de inspiração, obrigada por cada momento, eu sou infinitamente grata por ter você ao meu lado.

A todos vocês, meu mais sincero e profundo agradecimento. Sem o apoio e o amor de vocês, esta conquista não seria possível. Que possamos celebrar juntos este marco em minha jornada acadêmica e olhar para o futuro com esperança e gratidão.

Eu sonho minha pintura, e então eu pinto meu sonho
Os pescadores sabem que o mar é perigoso e a tormenta terrível
Mas este conhecimento não os impede de lançar-se ao mar

Vincent Van Gogh

QUEM JÁ DESENHOU FALOU EM CORES: A Escuta Psicanalítica e os Desenhos no *Setting* Terapêutico

Lívia Lourenço Ferreira

Orientador: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua

RESUMO

O ato de desenhar envolve a observação e a interpretação do mundo ao redor, desenvolvendo habilidades de percepção visual e pensamento crítico, além de refletir a própria cultura e perspectiva sobre o mundo. As crianças aprendem a identificar formas, cores, proporções e a relação entre objetos e pessoas, externalizando sentimentos e angústias que não conseguem expressar apenas por meio da fala. Desde cedo, o ser humano tem uma forte necessidade de explorar e compreender o ambiente ao seu redor. Ao ilustrar objetos, pessoas, símbolos e cenas em seus desenhos, crianças e adolescentes tentam entender e internalizar suas experiências, consciente ou inconscientemente. Este artigo busca responder se a cura ocorre apenas pela fala ou se há outras formas de verbalização que, em conjunto com a fala, constituem uma sessão analítica. Destacamos a importância de incorporar elementos lúdicos nas sessões com crianças e adolescentes, pois o desenho é a lembrança do ontem e a memória do amanhã

Palavras-chave: Escuta; Desenhos; Criança.

INTRODUÇÃO

O ato de desenhar envolve a observação e a interpretação do mundo ao redor, o que ajuda a desenvolver habilidades de percepção visual e pensamento crítico, além de mostrar a sua própria cultura e o ambiente em que se vive. O desenho proporciona uma saída emocional, de uma certa forma, permitindo que os adolescentes e as crianças representem sentimentos complexos e conflitos internos de maneira simbólica, que com a interpretação nas sessões, dá um sentido para tais desenhos. O processo de decidir o que desenhar, como representar uma ideia ou como escolher cores e formas pode ser considerado uma forma de expressão de sentimentos, tomada de decisão e autonomia quando se decide as cores, como e de qual forma

pintar. Ao reproduzirem de formas ilustrativas objetos, pessoas, simbologias, acontecimentos e cenas em seus desenhos, as crianças e os adolescentes estão tentando entender e internalizar essas experiências, de maneira consciente ou inconsciente, mas para isso haverá algum ponto de partida.

O presente trabalho tem como tema o desenho como forma de comunicação. A escolha do tema se deu por meio dos atendimentos de crianças e adolescentes e a necessidade de compreensão e entendimento para tais desconfortos relacionados às queixas e as formas de verbalizações trazidas dentro dos atendimentos, pois se tornou um campo importante de estudo e saber. Quando se atende uma criança ou um adolescente de alguma forma, seja em uma sala de aula, em uma clínica, em um *setting* terapêutico se faz necessário observar o sujeito como um ser subjetivo, com demandas, medos e inseguranças, muita das vezes esse sujeito só é visto da maneira que é relatado pelo que os pais dizem e carregam sobre eles. Todavia, na construção desse sujeito existem as vivências pessoais que somente esse ser carrega dentro de si. Assim sendo, a escolha desse tema está relacionada às construções de saberes, interpretações vivenciadas dentro dos atendimentos no *setting* terapêutico e supervisões, uma vez que essa temática se tornou pauta entre estagiários em graduação e a necessidade de mais conhecimento em relação a questões apresentadas pois é a minha própria área de atuação e de tantos outros futuros profissionais e profissionais que diariamente tendem a lidar com essas questões.

Diante disso, esse estudo visa investigar a importância da escuta no processo analítico com crianças e adolescentes, descrevendo como as queixas e as formas de verbalizações podem refletir em seus estados emocionais, com isso pontuamos as maneiras e as combinações da escuta psicanalítica e a análise de desenhos e o que em conjunto podem contribuir para a compreensão e as questões emocionais não verbalizadas.

Esse artigo tem como metodologia a revisão bibliográfica por meio de estudo de caso. Levando em consideração os conhecimentos adquiridos no decorrer da graduação em psicologia, entendendo que, articular a teoria e a prática é a forma maior de produzir conhecimento. Utilizaremos um estudo de caso como complemento para esse vasto conhecimento e humanização que é se trabalhar dentro de um *Setting* analítico. Desta forma, discutiremos a escuta psicanalítica. Privilegiaremos o desenho como forma de comunicação do inconsciente principalmente na psicanálise com crianças.

A ESCUTA PSICANALÍTICA E A EXPRESSÃO GRÁFICA NO *SETTING* TERAPÊUTICO: OS DESENHOS COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

Neste momento, discutiremos a escuta psicanalítica a partir dos desenhos, Almeida (2003, p. 27) diz que

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente.

A sessão analítica se dá em que a fala é de suma importância, pois a cura é por meio dela, porém há situações em que essa fala se dá de maneira conjunta com outras verbalizações. ONS (2022, p. 36) diz que

O tratamento começa com a introdução dos poderes da palavra a serviço da regra fundamental: o paciente deve dizer o que vier à cabeça, sem coação. A psicanálise descobre que a associação livre é, na verdade, determinada pelo inconsciente, é livre de preconceitos conscientes e, assim surge um saber não sabido.

Crianças que podem não ter as habilidades linguísticas totalmente desenvolvidas ainda podem transmitir suas ideias, sentimentos e histórias por meio de desenhos. Segundo Derdyk (1994, p. 51) o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel. Todavia, as emoções muitas vezes são difíceis de expressar verbalmente, especialmente para crianças. O desenho proporciona uma saída emocional, de uma certa forma no papel se coloca os desenhos as situações vivenciadas, permitindo que os adolescentes e as crianças representem sentimentos complexos e conflitos internos de maneira simbólica, que com a interpretação diante das sessões dá um sentido para tais desenhos, o processo de decidir o que desenhar, como representar uma ideia ou como escolher cores e formas pode ser considerado uma forma de expressão de sentimentos, tomada de decisão e autonomia quando se decide as cores, como e de qual forma pintar, os desenhos podem servir como uma ferramenta terapêutica eficaz para processar traumas passados.

De acordo com Federeci (2012, p. 267), “utiliza-se uma linguagem não verbal como forma de expressão, na qual a realidade é percebida pelos sentidos, não necessitando de explicação lógica para existir”.

A Psicanálise é uma abordagem terapêutica que se concentra na exploração das complexidades do inconsciente do paciente. A escuta psicanalítica trabalhada com crianças e adolescentes desempenha um papel fundamental nesse processo, permitindo ao terapeuta acessar as camadas mais profundas do pensamento e da emoção desse sujeito como ser singular. Freud (1912) recomendou aos médicos que sustentassem a atenção flutuante, de modo que possa manter a função inconsciente em primeiro plano, também para o Psicanalista. Sendo assim o próprio inconsciente do psicanalista irá conseguir obter e fazer as conexões e então realizar a interpretação, a recomendação de Freud para manter a atenção flutuante se alinha com a importância da escuta atenta na psicanálise. Freud também relata (1912), que é no discurso e na fala livre que se apresentam os restos e fragmentos oriundos do inconsciente. Como dito por (NASIO, 2019) “o psicanalista trabalha para levar seu paciente à cura, eu responderia sem vacilar: um psicanalista trabalha utilizando o melhor instrumento que tem a seu alcance, seu próprio inconsciente, que chamo de Inconsciente Instrumental.”

O inconsciente é essa parte oculta de nós mesmos que determina o que somos e, quando atuamos como terapeutas, determina o que somos diante do paciente que sofre. Em suma, o psicanalista trabalha e cura seus pacientes com seu próprio inconsciente, com seu Inconsciente Instrumental. (NASIO, 2019, p 20)

Nesse sentido, a regra fundamental da psicanálise é a da livre associação, ou seja: trata-se de convidar o sujeito a falar tudo que lhe vier à mente, a não se censurar, ainda que sinta vontade de fazê-lo, diante disso o analista busca criar um ambiente terapêutico seguro e confiante no qual o paciente se sinta à vontade para falar livremente. Portanto, a regra da livre associação na psicanálise é uma das pedras angulares do processo terapêutico, convidando o sujeito a expressar tudo o que lhe vier à mente, sem restringir ou censurar seus pensamentos ou sentimentos, mesmo que haja resistência. Esse ambiente terapêutico acolhedor e sem julgamentos é essencial para encorajar o adolescente e a criança a explorar livremente seu mundo interior, sem ser somente pelo olhar do outro. A visão da infância, desenvolvida ao longo dos anos na base do trabalho analítico com crianças, fornece ao analista uma

abordagem que difere daquela dos que apenas observavam a criança por intermédio do adulto, fazendo assim, com que o inconsciente venha à tona no *setting* terapêutico, até mesmo na análise dos próprios adultos, quem nunca quis colocar os seus sentimentos para fora de alguma forma sem ser julgado pelo olhar do outro, colocar em um papel, em uma ilustração, para que com uma escuta se sinta ouvido e acolhido. Dunker e Thebas (2021, p. 185) fazem esse contraponto em relação a forma lúdica:

Conectar-se com a ludicidade é permitir que nossa “criança” por sua vez, deriva de “criar”. Lembre-se de quando você era pequeno ou pequena. Você não criava e recriava o mundo ao seu redor o tempo todo? Meu quarto poucas vezes foi o meu quarto. Ele era um planeta desconhecido, o deserto do Saara, um oceano revoltado, ou um campo de batalha para qual a minha espada era o que tivesse à mão: uma régua, uma caneta, um pedaço de papel enrolado.

Perante o exposto os autores fazem referência à infância, lembrando quando o sujeito era pequeno e como usava a imaginação para transformar objetos comuns em mundos imaginários, observa-se também a fantasia e até mesmo interpretações do que se vive ou gostaria de viver, serve para destacar a importância de manter viva essa parte criativa e lúdica tanto na idade adulta, quanto a um jovem ser humano.

Winnicott (1968, p. 61), diz,

Sugiro que devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor (WINNICOTT, 1968, p. 61).

É um lembrete de que a criatividade e a imaginação são recursos valiosos que podem ser utilizados ao longo da vida para enriquecer perspectiva e a abordagem ao mundo. Portanto, conectar-se com a ludicidade é como dar permissão a si mesmo para continuar a criar, explorar e imaginar, como fazíamos quando éramos crianças e que a capacidade de ser criativo na vida adulta é uma extensão natural da criatividade que tínhamos quando éramos crianças, portanto, ter essa expressão lúdica na infância é de suma importância, se fizer com que o *setting* analítico tenha essa função e o espaço seja uma forma de se expressar, a criança tende a falar de alguma forma, segundo Lefort (1988, p. 46.)

Pois, para as crianças, existem muitas maneiras de falar: seja porque ainda não têm linguagem ou porque são muito pequenas ou ainda porque sua

doença não permitia: se vocês não colocarem objetos dos quais elas possam fazer algo, exprimir alguma coisa, nenhuma análise será possível.

Essa interação com a ilustração não só impacta a formação psíquica da criança, como também exerce uma função essencial no aprimoramento das habilidades cognitivas e emocionais, oferecendo uma experiência enriquecedora e educativa, se não oferecermos objetos que lhes permitam interagir e expressar-se, qualquer análise se torna inviável, pois o intuito de uma análise infantil é conseguir enxergar o sujeito por um olhar singular, com demandas muito além da primeira queixa que se chega numa clínica, há camadas de vivências com aquela criança, a comunicação humana se manifesta de diversas maneiras, dependendo do ambiente em que ocorre. Para Vygotsky (1998, p.149) “ao desenhar a criança utiliza a memória, ela não desenha o que vê e sim o que conhece, ela o faz a maneira da fala, como se contasse uma história.” A maneira como uma criança é criada influenciará na construção de sua identidade e no desenvolvimento da comunicação, abrangendo não apenas a oralidade, mas também gestos, movimentos corporais e sinais.

Segundo o Ministério da Educação (1997, p. 28):

As formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas por meio de imagens poéticas (visuais, sonoras, corporais, ou de conjuntos de palavras, como no texto literário ou teatral). Não é um discurso linear sobre objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos. A forma artística é antes uma combinação de imagens que são objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos, ordenados não pelas leis da lógica objetiva, mas por uma lógica intrínseca ao domínio do imaginário. O artista faz com que dois e dois possam ser cinco, uma árvore possa ser azul, uma tartaruga possa voar. A arte não representa ou reflete a realidade, ela é realidade percebida de um outro ponto de vista.

Quando mencionamos desenhos estamos falando também sobre uma forma de expressão e essa forma de expressar é a artística, não estamos falando de uma reprodução fiel de coisas, pessoas ou objetos, mas sim da visão que a criança tem do mundo, revelando seus sentimentos, pensamentos, ideias e, principalmente, sua concepção de mundo. Para Leite (1998, p.131) “O desenho é um diálogo permanente entre a criança e o mundo, uma constante busca de inteligibilidade e comunicabilidade”. Os desenhos representam uma tentativa de decodificar o ambiente em que ela está inserida, dando uma forma concreta aos seus pensamentos abstratos, ao criar imagens, os indivíduos têm a oportunidade de exteriorizar e dar forma concreta a pensamentos internos, contribuindo para o processo terapêutico.

Essa forma de expressão artística permite que o terapeuta acesse aspectos mais sutis da psique do cliente, fomentando a introspecção e facilitando a comunicação de temas sensíveis. Faria (2002, p. 71) diz que:

O desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados. Saliento que tal perspectiva tomou o cuidado de não “engessar” a produção infantil, enquadrando-a em determinados padrões, tendo a opção de utilizar as falas de seus produtores no momento da produção.

Diante disso, a comunicação através do desenho no contexto analítico não apenas oferece uma via alternativa para a expressão das crianças, mas também desempenha um papel crucial na promoção da compreensão emocional e no desenvolvimento de estratégias para enfrentar desafios. Essa abordagem possibilita uma conexão mais profunda entre o analista e o analisando, as ilustrações, os indivíduos têm a oportunidade de exteriorizar e dar forma concreta a pensamentos internos, contribuindo para o processo terapêutico de interpretações. Leite também pontua (1998, p.135)

Trabalhar o olhar sensível, aguçar a escuta, saber admirar-se e estranhar o familiar, procurar entender o mundo no qual estamos inseridos e nele deixar nossas marcas; criar. É a partir dessa inesgotável transformação e reapropriação da realidade que entendo o desenho infantil.

Essa forma de expressão artística permite que o analista acesse aspectos mais sutis da psique da criança, fomentando a introspecção e facilitando a comunicação de temas sensíveis.

IMAGENS QUE FALAM: O PAPEL DOS DESENHOS NA REVELAÇÃO DO INCONSCIENTE NO *SETTING* TERAPÊUTICO

Na ótica da psicanálise, o ato de desenhar durante a infância é interpretado como uma expressão simbólica do inconsciente da criança, essa expressão visual não apenas evidencia o desenvolvimento cognitivo da criança, mas também oferece uma janela única para compreender suas percepções e processos emocionais em estágios iniciais de crescimento, KLEIN faz o contraponto entre o brincar e a expressão, a conexão entre os sonhos das crianças e suas brincadeiras é fascinante. É como se o mundo dos sonhos se manifestasse de alguma forma no mundo real por meio dos

brinquedos, permitindo-lhes explorar e processar suas experiências de maneira lúdica e criativa, sendo assim. Através dessa linguagem do brincar o desenho se torna único, os analistas têm a oportunidade de explorar os domínios inconscientes, ainda, segundo Klein (1926):

“[...] ao brincar as crianças representam simbolicamente suas fantasias, desejos e experiências, elas entregam então a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão arcaico filogeneticamente adquirido, que já conhecemos dos sonhos, ela só pode ser entendida por completo se for estudada com o mesmo método que Freud desenvolveu, para desvendar os sonhos. O simbolismo é apenas parte dessa linguagem se quisermos entender corretamente a brincadeira da criança em conexão com o resto de seu comportamento [...]” (KLEIN, 1926, p 36).

Dessa forma, desvendando as complexidades emocionais que podem estar além da capacidade verbal da criança, na visão de Freud, “a antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real (FREUD, 1969c, p. 149)” levando em consideração que cada traço e símbolo se tornam uma narrativa visual que, quando interpretada cuidadosamente, oferece *insights* profundos sobre o desenvolvimento emocional e psicológico da criança, enriquecendo a compreensão clínica e proporcionando um meio eficaz de comunicação não verbal na análise infantil.

Para melhor conhecer a criança é preciso aprender a vê-la. Observá-la enquanto brinca: O brilho dos olhos, a mudança de expressão do rosto, a movimentação do corpo. Estar atento à maneira como desenha o seu espaço, aprender a ler a maneira como escreve a sua história (MOREIRA, 2008, p. 20).

Os desenhos são vistos como manifestações de desejos, emoções e conflitos internos, proporcionando uma forma não verbal de comunicação, ao utilizar essa linguagem simbólica, a criança explora e externaliza aspectos de sua psique que ainda não foram plenamente articulados linguisticamente, permitindo aos psicanalistas *insights* sobre seu desenvolvimento emocional e psicológico. Os primeiros traçados de linhas sobre o papel constituem um passo muito importante do desenvolvimento infantil, pois representam o início da expressão que conduzirá a criança ao desenho, a pintura e a escrita. (NICOLAU, 2008, p.11).

Ao desenhar livremente, a criança pode revelar conteúdos que talvez não consiga expressar verbalmente. A análise desses desenhos no *setting* terapêutico oferece ao analista *insights* sobre os sentimentos, conflitos e experiências do

paciente, que muitas vezes estão além das palavras. Os desenhos podem revelar símbolos, metáforas e representações visuais do mundo interno do paciente, permitindo ao terapeuta compreender melhor aspectos profundos e inconscientes da mente. A psicanálise ajuda a ampliar a escuta terapêutica, pois oferece mais uma forma de acesso aos processos mentais do paciente, segundo Petri (2008), a constituição da transferência entre a criança e o analista que a atende se coloca como o mecanismo responsável por proporcionar que a demanda infantil se apresente. Dessa forma, quando um paciente desenha livremente, ele está se envolvendo em um ato criativo que vai além das restrições da linguagem verbal.

Essa expressão artística pode ser uma forma poderosa de liberar conteúdo do inconsciente, permitindo que aspectos mais profundos e complexos de suas experiências e emoções sejam manifestados, sendo um conjunto entre o analista e o analisando, pois o adulto repete o que viveu, mas a criança repete o que viveu e está vivendo. (BLINDER, 2011, p.68)

Os desenhos muitas vezes capturam não apenas o que é consciente, mas também elementos inconscientes da mente do paciente. Gestos, cores, figuras e símbolos presentes nos desenhos podem revelar informações valiosas sobre o mundo interno do indivíduo, incluindo aspectos emocionais, conflitos internos, traumas passados e desejos reprimidos. No *setting* terapêutico, a análise desses desenhos permite ao terapeuta explorar esses conteúdos de forma não invasiva. Isso proporciona ao paciente uma maneira alternativa de comunicar seus sentimentos e experiências, especialmente aqueles que podem ser difíceis de articular verbalmente, seja por resistência, bloqueios emocionais ou pela complexidade do material emocional envolvido. Assim, diz Lajonquière (1999, p. 123) que:

Quando ensinamos algo a uma criança, colocamos, por um lado, em ato nossa fantasmática, isto é, a iniciativa do ato cai na conta do desejo do adulto em função educativa. Por outro lado, transmitimos uma lógica operativa que transcende o campo fantasmático no interior do qual estamos singularmente tomados como sujeitos desejantes, uma vez que se trata de um pedaço da cultura, um universal, um fragmento de liame social. Em suma, à medida que a criança 'apre(e)nde', a amostra de laço transmitida faz um laço que sujeita a criança.

Diante modo, quando ensinamos algo a uma criança, estamos mostrando como fazer e de que maneiras ela pode mostrar os seus sentimentos. Isso é como uma iniciativa do adulto para ensinar. Para compreender o verdadeiro significado dos

rabiscos infantis, devemos nos esforçar o mais possível, para nos colocarmos no lugar da criança” (LOWENFELD, 1997, p. 95). Em resumo, enquanto a criança cria vínculo com os seres humanos em geral, mostra o que está internalizado, a criança está sendo conectada a algo maior que a faz se sentir parte de um lugar. Fazendo a linha tênue para o lugar da análise, isso mostra que a análise dos desenhos é uma ferramenta valiosa para o terapeuta compreender mais profundamente o inconsciente dessa criança, possibilitando a exploração de áreas emocionais que, de outra forma, poderiam permanecer inacessíveis ou pouco claras durante o processo analítico. Essa abordagem enriquece a compreensão mútua entre terapeuta e paciente, facilitando um processo mais abrangente e eficaz, principalmente na hora do brincar, nesse momento ocorre as interpretações, Roza (1999, p.128) faz uma pontuação importante em relação ao brincar, ela afirma que:

O processo interpretativo que o brincar é capaz de promover – por conter em si múltiplos aspectos que permanecem flutuantes – é facilitado pelo analista não apenas pelo que ele diz, mas também e principalmente pelo que ele brinca. Fala-se, então, de uma interpretação que se efetua no nível da linguagem do jogo; com ela é possível propor questões, ressaltar e sublinhar determinados movimentos da brincadeira pela imitação, inverter papéis e produzir cortes (p. 128)

No processo interpretativo durante a análise, o analista não só usa palavras, mas também incorpora o brincar. Ao brincar, o terapeuta pode questionar, destacar movimentos na brincadeira, imitar, inverter papéis e criar mudanças, tudo isso ocorrendo no nível da linguagem do jogo. Essa abordagem auxilia na compreensão mais profunda do cliente através das expressões e dinâmicas lúdicas, o brincar emerge como uma ferramenta poderosa para compreender e lidar com questões emocionais e psicológicas de maneira abrangente e envolvente.

Ao valorizar e interpretar essas criações, os analistas podem criar um ambiente em que as crianças se sintam compreendidas e acolhidas, contribuindo de maneira significativa para seu desenvolvimento emocional e psicológico. O desenho, portanto, não é apenas uma técnica psicanalista, mas um componente essencial na comunicação e no processo de cura das crianças.

DESENHOS COMO FERRAMENTA ANALÍTICA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A EXPRESSÃO EMOCIONAL

O presente estudo de caso tem como objetivo pontuar a evolução de uma adolescente diante das sessões das análises, e tem como foco mostrar que há sim como criar um ambiente lúdico, de muito aprendizado e escuta em conjunto, através desse estudo de caso buscamos identificar padrões de *insights* sobre os desenhos e o que eles podem refletir nas emoções.

A adolescente iniciou os seus atendimentos a partir de um acolhimento realizado no SPA (Serviço de Psicologia Aplicada), seu atendimento teve como partida dia oito de março no ano de dois mil e vinte três na Faculdade de Santo Antônio de Pádua.

Analisando

Lara (nome fictício), é uma adolescente de 14 anos que veio juntamente com o pai para realizar o acolhimento, o pai não conseguiu informar todos os dados necessários relacionados à infância daquela adolescente e sua vivência atual, o responsável trouxe somente uma queixa de falta de atenção na escola e esquecimento frequente de situações do cotidiano, já a paciente relatou baixa autoestima, dificuldade de chorar quando sente alguma angústia e de falar o que sente.

Estudo de caso

Lara, que mora com a sua avó, apesar dos pais residirem no andar superior do prédio, tão pouco tem convívio frequente, a adolescente convive mais com a avó, cursando atualmente o 9º do ensino fundamental, segundo a mãe e o pai, a Lara estava despercebida e se esquecendo muito das coisas que acontecem em seu dia a dia e no âmbito escolar. Na segunda sessão, a paciente se mostrou com uma certa resistência, a partir dessa percepção diante desse comportamento, foi oferecido folhas em branco, lápis, tintas e giz para que se fosse necessário a paciente pudesse

escolher, de sua maneira como iria se comunicar, dessa forma, deu início a um desenho (figura 1), começou a falar que não gostava de chorar e de expor os seus sentimentos e que guardava tudo para si, predomina em seu desenho as cores em tom de azul e verde.



Figura 1 – Listras

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP, 2023.

Nas semanas seguintes, os itens de pintura sempre estavam disponíveis, a Lara optava por desenhar e explicar seus sentimentos diante de cada ilustração, os desenhos começaram a tomar uma outra forma (figura 2 e 3).

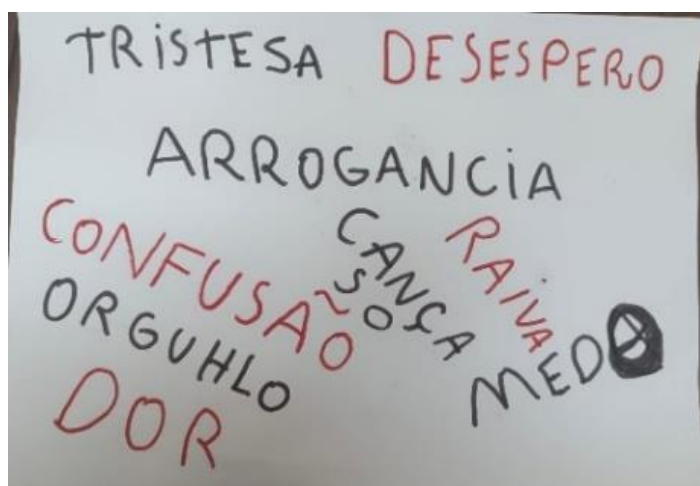


Figura 2 – Sociedade preconceituosa

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP, 2023.

A queixa era referente indignação dela com a sociedade citando assim as tias, o pai e a avó, o que mais se repetia em suas falas era o quão a sociedade é preconceituosa e injusta, dizendo também que pensa contra o que sua família

considera “normal” diante a sociedade, trazendo referência de filmes como: O menino do pijama listrado, de Jhon Boyne, filme que remete a situações vivenciadas no nazismo, um filme triste e de bastante reflexão. Esses filmes têm como alusão o abandono, guerras e dificuldades, algo que a Lara sentia que estava vivenciando naquele momento, principalmente pelo fato de não encontrar essa proteção vindo dos seus pais. Nessas ilustrações (figura 3) o ardor não fazia parte, dando lugar aos sentimentos de sofrimento.

No comportamento diante das pessoas, a Lara não queria sair com as suas amigas, nas viagens em família não queria convívio. Como consequência disso, ficava isolada e tão pouco se socializava.

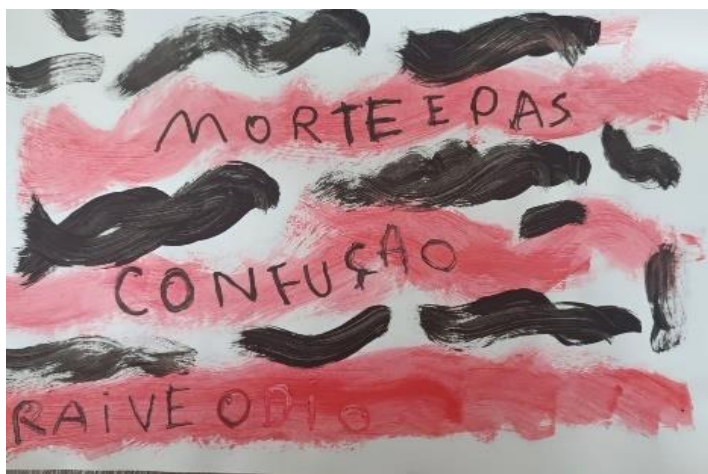


Figura 3, Abandono

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP, 2023

Já na próxima sessão, a queixa era do julgamento da sociedade para com o seu cabelo, corpo e vestimentas. O analisando, desenhou algumas flores, as ilustrações prevaleciam tom de vermelho e preto.



Figura 4- Flores

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP

Diante da análise acerca do desenho, ao ilustrar as flores a Lara disse que gostava de meninas, algo que até então era internalizado somente para ela, Lara trás questões a cerca de sua sexualidade de desejos e indignação perante o preconceito que a sociedade tem, não fazendo parte dessa norma imposta pela sociedade. Sendo assim, em conjuntos com os outros desenhos que a paciente realizou, trago uma fala de Butler:

A menos que David entenda que existe um padrão, um padrão de como ele deve ser, e que ele não está à altura do padrão de mim. A afirmação implícita aqui é que a norma é feminilidade e que ele não vive de acordo com essa norma. Mas a norma está lá e se impõe externamente, se comunica através da série de expectativas que os outros têm; e depois há um mundo do sentir e do ser, e estes reinos são para ele diferentes. O que ele sente não é de forma alguma produzido pela norma, e a norma é outra, está em outra parte, não faz parte de quem ele é nem de que ele se tornou, nem do que ele sente (BLUTLER, 2006, p. 105)

A "norma" mencionada representa as expectativas sociais em relação ao comportamento feminino, as quais a Lara sente não conseguir satisfazer completamente. Embora reconheça a existência dessa norma, ela também percebe uma discrepância entre sua própria experiência interna de sentir e ser, ela não acredita que sua identidade ou sentimentos sejam determinados por essa norma social de feminilidade, principalmente a que sua família impõe. Isso indica que, apesar das pressões externas, Lara se libertar das expectativas sociais.

Nas sessões seguintes os desenhos foram se surgindo de uma forma que predomina cores escuras (figura 5), como o vinho, preto e vermelho, remetendo a dor e a sangue. A questão da sexualidade da Lara ser internalizada somente para ela, fazia com que sofresse, sentia como se o mundo estivesse contra ela, não encontrava amor vindo de sua família e nem o apoio que gostaria de receber.

Em cada sessão foi trabalhado a importância de falar sobre os sentimentos e organizar as emoções, sabendo qual é o sentimento que se predomina em certos momentos, trazendo à tona o inconsciente, utilizando técnicas como a livre associação, a adolescente foi incentivada a expressar livremente seus pensamentos e sentimentos, sem censura ou filtro. A análise das ilustrações também foi uma ferramenta importante para acessar conteúdos inconscientes e simbólicos, fornecendo *insights* sobre questões emocionais não resolvidas.



Figura 5, amo arte, a morte

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP, 2023

Partindo para o âmbito escolar, Lara na sessão não demonstrava nenhuma dificuldade de atenção e foco como relatava os seus pais, suas dificuldades eram apenas em algumas matérias escolares específicas, porém havia um esforço por parte do analisando para conseguir permanecer acima da média, sendo assim, alcançou, conseguindo uma certa recompensa da escola, ganhando um jantar e uma boa média, evolução aparente já nas primeiras sessões em relação aos estudos.

As ilustrações começaram a ter um novo sentido para a paciente (figura 6).



Figura 6, Feliz e triste

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP, 2023

No passar dos meses e das sessões a Lara conseguiu expor suas emoções de forma mais clara, a transição de cores foi algo muito notório (figura 7 e 8), a relação com a mãe que não tinha tanto diálogo, deu lugar para falar sobre sua sexualidade, o

analisando que tinha complexo com seu cabelo, hoje se aceita, das dificuldades, encontrou uma solução, de um desenho trouxe a fala.



Figura 7, Montanhas felizes

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP, 2023



Figura 8, Cores

Fonte: Prontuário de atendimento da clínica – FASAP, 2023

Estes exemplos ilustram como os desenhos podem ser uma ferramenta analítica poderosa, permitindo explorar expressões emocionais. A análise dos desenhos revelou *insights* profundos sobre experiências vivenciadas por Lara, sendo assim, este estudo de caso evidencia o uso eficaz dos desenhos como uma ferramenta analítica na infância e adolescência, enfatizando a exploração emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta revisão bibliográfica e o estudo de caso, fica claro que o ato de desenhar na infância, à luz da psicanálise, revela a complexidade e a profundidade da expressão infantil. Os desenhos não são apenas criações artísticas, mas sim portais para o inconsciente da criança, repletos de significados simbólicos e emocionais. Exploramos como os desenhos são interpretados, como manifestações dos desejos, emoções e conflitos internos das crianças, oferecendo uma forma de comunicação não verbal.

É essencial reconhecer que o desenho oferece às crianças uma maneira segura e criativa de expressar o que muitas vezes não conseguem verbalizar. Através dessa forma de expressão, as crianças podem revelar medos, desejos e preocupações, oferecendo aos analistas uma visão mais completa e empática de suas realidades internas. Portanto, incorporar o desenho nas sessões analíticas não é apenas uma técnica, mas uma necessidade para alcançar uma compreensão genuína e humana do universo infantil.

Em suma, o desenho na análise infantil destaca a importância de abordagens lúdicas e expressivas na prática psicanalítica. Ao valorizar e interpretar essas criações, os analistas podem promover um ambiente onde as crianças se sintam compreendidas e apoiadas, contribuindo significativamente para seu desenvolvimento emocional e psicológico. O desenho, portanto, não é apenas uma ferramenta, mas um elo vital na comunicação e cura das crianças.

A análise dos desenhos permitiu uma compreensão mais profunda das experiências internas de Lara e destacou a importância de oferecer oportunidades para que crianças e adolescentes expressem suas emoções de forma criativa, livre de julgamentos dentro de um espaço acolhedor, portando as queixas que os pacientes relatam devemos levar em consideração e não somente aquelas que os pais declaram, muitas vezes isso é para além de uma fala. A cura pela fala traz consigo muitas verbalizações, incluindo a variadas formas de pensar, se comportar, de agir, de falar, de olhar.

Um papel em branco abre espaço para um sonho, desejos, traumas, medos, sorrisos, felicidades. Nas ilustrações tem a fala, quem já desenhou falou em cores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola.** 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.

BLUTLER, Judith. **Vida precária: el poder del duelo y la violencia.** Buenos aires: Paidós. 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil.** São Paulo: Scipione, 1994.

DUNKER, Christian **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas /** Christian Dunker, Cláudio Thebas. – 2. ed. – São Paulo: Planeta, 2001.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri e PRADO, Patrícia Dias (org). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas, São Paulo: Autores associados, 2002.

FEDERECI, Sílvia. **A narrativa como um dispositivo na elaboração de um novo olhar sobre câncer infantil. Revista Ciência e extensão,** 2012.

FREUD, Sigmund. (2006). **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise.** In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, Trad., Vol. 12, p. 122-136). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer: obras completas [1920].** Rio de Janeiro: Imago, 1969d. (Obras psicológicas completas, 18).

KLEIN, M. **A técnica da análise de crianças pequenas.** In A psicanálise de crianças. Obras completas de Melanie Klein. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1926.

LAJONQUIÈRE, L. **Infância e ilusão (psico)pedagógica: Escritos de psicanálise e educação** Petrópolis, RJ: Vozes. (1999).

LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. **Reunião de Trabalho Sobre Psicanálise de Crianças. Letras da Coisa** n. 7. Análise com Crianças. Publicação de Coisa Freudiana. Transmissão em Psicanálise. 26 de julho de 1988. p. 46.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **Infância e produção cultural: Desenho infantil.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1998

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1997.

MOREIRA, A. A. A. **O Espaço do desenho: a educação do educador.** 12. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

NASIO, Juan David. **Sim, a psicanálise cura!**/Juan- David Nasio; tradução Eliana Aguiar; revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge. -1ed. – Rio de Janeiro; Zahar, 2019.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **A educação artística da criança.** 2 ed. São Paulo: Ática, 2008.

ONS, Silvia Ons. **Tudo o que você precisa saber sobre psicanálise.** São Paulo: Paidós, 2022.

PETRI, R. **Psicanálise e infância: clínica com crianças.** Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud, 2008.

ROZA, E. S. **Quando Brincar é Dizer: a experiência psicanalítica na infância.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins, 1998.

WINNICOTT, Donald. **Uma exposição teórica. In O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, (1968).